

Vavy Pacheco Borges

**O clã familiar Georges Leuzinger:
negócios e afetos entre o Velho e o Novo Mundos
(séculos XIX e XX)**

1. A Casa Leuzinger, negócios e afetos, aspectos indissociáveis

O suíço-alemão Georg Leuzinger migrou para o Rio de Janeiro em 1832, onde criou a chamada não oficialmente Casa Leuzinger, importante no campo da tipografia, editoração e fotografia. Ele nasceu em 31 de outubro de 1813 em Mollis, cidade do Cantão protestante de Glarus; estudara negócios de tecidos de algodão e de rendas em Saint Gallen e, aos 18/19 anos, veio arriscar-se no Novo Mundo, tentando a vida no Rio de Janeiro, na firma de exportação – importação Casa Leuzinger et compagnie, do tio Jean Jacques Leuzinger, que nunca pusera seus pés no Brasil. A família guarda ciosamente exemplares de uma documentação oficial fornecida pela administração de Glarus que nos informam sobre a participação de dois irmãos Leuzinger nas Cruzadas do século XII. Apesar de toda essa tradição familiar, a falta de opções fez com que Georg primeiro, e anos depois, seu único irmão Johannes (quatro anos mais novo) acabassem emigrando; o caçula foi para os EUA, para Muskatine, Iowa, onde temos notícia que a mãe Sabine o visitou, embora ela não tenha vindo ao Rio de Janeiro.

Vindo do Havre em embarcação a vela, depois de uma travessia de 54 dias, Georg Leuzinger desembarcou no Rio no último dia de 1832. O choque dessa chegada é lembrado por ele 38 anos depois, em carta a seu filho Paul (então na Europa), tentando consolá-lo de seu afastamento da família:

Eu sei muito bem o que você está passando [...] posso assegurar que sua posição em Paris é muito melhor que aquela mesma do dia 30 de dezembro de 1832. Sozinho, desconhecido, entre pessoas que falavam o francês dentro de casa, que eu entendia muito mal, e, do lado de fora, o português que eu não conhecia absolutamente. País, nacionalidade, religião, usos, modo de vida, tudo novo, vendo apenas, por assim dizer, os negros meio selvagens da costa da África, sem um só amigo. Sem um outro conhecido além do sócio do meu tio, que juntamente à mulher que vivia

com ele me olhavam de lado. Onde eu me deitei pela primeira vez em um quarto sem janela. Nesse horror de posição um só pensamento me sustentou, sem o qual eu estaria morto: o amor de mãe. Por causa deste amor por minha mãe eu superei todas as vicissitudes de minha primeira existência muito dura no Rio, este Rio que é minha segunda pátria, onde eu me sinto ainda estranho e onde eu morrerei estranho, porque tudo é estranho aos meus ouvidos e ao meu coração, a língua, a religião, as leis, os usos.¹

Como os negócios familiares iam mal, Georg Leuzinger se desentendeu com o sócio francês e, em 1840, já economizara o bastante para comprar a mais antiga papelaria da cidade –Ao Livro Vermelho– do suíço-francês Jean Charles Bouvier, papelaria e pequena encadernação para obras impressas e álbuns na famosa artéria de comércio, a rua do Ouvidor, no centro da cidade. Foi nessa artéria que os negócios foram crescendo, tornando a firma Leuzinger um local de referência obrigatória na vida cultural brasileira da segunda metade do século, e seus produtos uma marca de reconhecida qualidade.

Georg Leuzinger casou-se, no mesmo ano, na Igreja do Outeiro da Glória, com uma francesa, Anne Antoinette du Authier (em família, Eleonore), chegada ao Rio em abril de 1839 para morar em casa de uma irmã casada, a Baronesa de Geslin, que tinha um colégio na Casa dos Rochedos, na praia do Russel. Por parte de pai, vinha de uma família de origem nobre de Limoges, na Gascogne, cujo antepassado Gauthier du Authier emigrara durante a Revolução Francesa para a Inglaterra, abandonando mulher e filhos e tendo os bens seqüestrados. O casal teve treze filhos, seis homens e sete mulheres, sendo que quatro não deixaram descendência. A vida dos filhos, netos e bisnetos de Georg Leuzinger foi um constante cruzar do Atlântico por razões afetivas e profissionais desde meados do século XIX até nossos dias.

A documentação familiar que nos permite retrazar a história do clã Leuzinger se constitui de mais de 100 cartas, uma espécie de *livre de raison* (com os fatos importantes da vida de cada filho de Georg Leuzinger e de cada nova família) ou seja, um álbum com histórico familiar e lembranças, árvores genealógicas dos Leuzinger e dos De Authier, fotos e outros documentos familiares além de pequena tradição

1 Toda a correspondência citada é de propriedade do Instituto Moreira Salles, assim como fotos produzidas pelo atelier Georg Leuzinger. Os originais estão em francês e alemão. As citações feitas aqui foram traduzidas do francês por mim; os originais em alemão não foram citados.

oral. No final de sua vida, Georg Leuzinger encaminhou trabalhos seus à Biblioteca Nacional. Um seu contemporâneo, Ernesto Senna, ao escrever uma história do comércio do Rio constrói uma primeira e favorável imagem de Georg Leuzinger tanto como empresário, quanto como figura humana.

Em seu “negócio do papel”, como dizia, suas empresas mistas de artes gráficas se constituíram em: lojas e oficinas de papelaria, encadernação, pautaço, edição de livros e outros impressos, gravuras e depois fotografias. Como os livros de escrituração eram importados, começou por montar uma oficina para fazer esses livros; sua tipografia contava com a ajuda de dois famosos técnicos alemães, Huselmann e Bollenberg, gravadores de medalhas, sinetes, chapas. Da metade dos anos 1840 a 1850, produziu e comercializou gravuras, feitas em litografia e estampadas em sua maioria na Casa Lemmercier (em Paris) e uma parte no Rio, na Haeaton & Rensburg. Sua empresa chamou-se, primeiramente, G. Leuzinger e, depois de 1873, G. Leuzinger e filhos.²

As constantes relações em torno do Atlântico se concretizavam de diversas maneiras: na educação e formação européia dos filhos para os negócios familiares (Suíça, França e Alemanha), na compra de aparelhagem editorial, na contratação de técnicos, no envio de gravuras, fotos, e outros produtos para venda e concursos na Europa e outros países. Foi graças à rede constituída por Georg Leuzinger e seus filhos que a empresa familiar conseguiu se destacar tanto no Velho como no Novo Mundo. Georg Leuzinger se tornou uma figura pública conhecida no mundo comercial e cultural da corte do Segundo Reinado que passava naquele momento por grandes transformações, pois

Se polia e amadurecia nos salões [...], nas maneiras fidalgas e no trato cerimonioso, no bom gosto revelado na preparação do interior dos lares, [e] era bem um reflexo da civilização que batia às portas do país entrando por sua porta principal. Os viajantes que a visitaram, como Saint-Hilaire,

2 Dois pesquisadores foram fundamentais no meu trajeto relativo à família Leuzinger: Renata Santos, cujo pioneiro mestrado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) trata da Casa Leuzinger enquanto produtora no campo das artes gráficas, mas sobretudo editora de imagens, primeiro as gravuras e depois as fotografias. O segundo é o alemão Frank Kohl, que estuda o mercado das imagens fotográficas brasileiras na Europa e a formação da comunicação visual global na segunda metade do século XIX; focaliza em especial os fotógrafos de língua alemã, ativos no Brasil imperial a partir dos anos 1850.

Rugendas, Debret e Gardner são unânimes em constatar a mudança que se operava com rapidez e para a qual a contribuição estrangeira era visível e imensa (Santos 2003: 38-39).

Há menções nas cartas às suas inúmeras horas de trabalho, seu cansaço, sua dedicação. Assim, viveu como verdadeiro *self-made man* – ao mesmo tempo como responsável e como parte do que poderíamos ver como uma globalização *avant la lettre*, quando o entrecruzar de pessoas, idéias e gostos, capitais e negócios, embora em ritmo lento, era já uma constante no mundo ocidental através do Atlântico.

Desde o início, Georg Leuzinger servia toda uma freguesia do comércio para fazer diplomas, chapas para cartões de visitas, sinetes, brasões, letras de saque para os bancos, pastas, portfolios, cadernos de escrituração para escritórios e repartições, etc. Assim, circulava dentro da comunidade brasileira, vendendo até para a Corte (por vezes no lugar da própria Imprensa Régia). Era membro da Germania Deutsche Gesellschaft, uma espécie de câmara de comércio fundada em 1821. Composta dos *Kaufleute* (a gente do comércio de fala alemã), essa foi “o ponto de partida e a instituição em torno da qual se articulou a solidariedade étnica” e a *kultur* germânica, conjugando negociantes de importação-exportação –alguns dos quais serviram como representantes diplomáticos de algum país do centro ou do norte da Europa–, corretores de bolsa, livreiros e tipógrafos (como Georg Leuzinger e os irmãos Laemmert), além de médicos, engenheiros, taberneiros. A *Kaufleute* vivia de forma abastada; fundaram, em 1827, a primeira comunidade evangélica luterana, além de uma sociedade de beneficência, a Hilfsverein (1844) que conseguiu criar, somente em 1855, a primeira escola alemã (Seyferth 2000).

Mas essa imigração de fala teutônica compunha um contingente relativamente pequeno, se comparado, por exemplo, à francesa. O trilingüe Georg Leuzinger falava alemão pela criação, português e francês após a chegada ao Brasil. Por seu casamento e por relações de trabalho (Lemmercier, Martinet, etc.), teve também inserção no mundo de influência francesa: sua família falava francês em casa, ele mesmo deixou muitas cartas e, escreveu observações nas gravuras doadas à Biblioteca Nacional em francês. A versão de seu nome que se guardou foi a francesa, pois era chamado no Brasil de Georges. Seus filhos, batizados pelo pastor luterano Schmidt, acabaram por praticar o catolicismo como a mãe. Vivendo nessa dupla relação, Ge-

org Leuzinger teve contacto com muitos dos visitantes proeminentes que estiveram no Rio, dentre os quais Maximiliano da Áustria, o Príncipe de Joinville, artistas como Charles de Ribeyrolles e os pesquisadores e naturalistas Louis Agassiz e sua mulher Elisabeth.

Georg Leuzinger editou numerosas vistas do país e também dos costumes dos habitantes; ficou registrado o rigor de sua busca de perfeição nessas edições. Em coleções ou avulsas, por longos anos foram essas as únicas vistas do país que se encontravam, sendo muito procuradas e adquiridas pelos visitantes estrangeiros; certamente contribuíram muito –como, depois, as fotografias– para reforçar, no Velho Mundo, o imaginário sobre o Novo Mundo e seu “exotismo”. Anúncios para a venda por subscrição ofereciam a possibilidade de entregas em Paris, Londres, Hamburgo e Lisboa.

Em meados da década de 1860, sintonizado com seu momento, na linha de acompanhamento das tendências européias e na continuidade da representação imagética do país, Georg Leuzinger lançou-se no campo da fotografia, montando um ateliê completo com aparelhagem para viagens pelo interior, encomendando tarefas a fotógrafos hábeis, cujas fotos depois foram premiadas em exposições internacionais. Chegou a editar um catálogo com 337 fotos de locais do Rio, Petrópolis, Teresópolis e Nova Friburgo. Essas fotos e coleções eram vendidas internacionalmente, com suas legendas na língua da cultura na época, o francês; no século XX, segundo peritos na história da fotografia, fotos dessas coleções foram encontradas pelos pesquisadores em várias cidades européias até da Rússia, mas também nas Américas – nos Estados Unidos e na Argentina. Nesses anos, foram produzidas no ateliê lindas vistas não somente do Rio e redondezas mas também da Amazônia, mostrando a flora, a fauna e os indígenas.³ O Imperador Pedro II foi aficionado da fotografia e, na coleção da Imperatriz Teresa Cristina, encontram-se fotos do ateliê Leuzinger; nos álbuns de família Leuzinger encontramos retratos de D Pedro II e da família

3 Fotos de Georg Leuzinger fazem parte do catálogo: *Mostra do redescobrimento: O olhar distante. The Distant View* (2000: 248-251). Ele recebeu a única distinção feita ao Brasil na Exposição Internacional de Paris em 1867. Ver também Fernandes Junior/Lago (2000). Outro livro recente traz fotos publicadas pela oficina dele, como as fotos atribuídas a seu genro, Franz Keller, que adotou no Brasil o sobrenome Leuzinger, e Albert Frisch. Ver Vasquez (2000); ver ainda Kossoy (2002: 201-206).

real. Como funcionava o ateliê de fotos é ainda controvertido: há suposições de que Georg Leuzinger tenha feito algumas das fotos, além da produção e comercialização; sabemos que dois de seus filhos se ocuparam das fotos nos momentos prévios às exposições, que lá trabalharam Marc Ferrez e Albert Frisch (enviado por Georg Leuzinger à Amazônia, onde fez as primeiras fotos de índios brasileiros). Entre as dúvidas que restam, a principal parece ser sobre a participação do genro Franz Keller no ateliê. A primeira foto brasileira a ser premiada na Exposição Internacional em Paris, em 1865, foi uma paisagem carioca feita no ateliê de Georg Leuzinger.⁴ Mais tarde, Georg Leuzinger editou as gravuras de Victor Frond (1821-1881), feitas a partir de fotos. O ateliê foi fechado em meados dos anos 1870.

Os arquivos da Casa Leuzinger foram queimados em incêndio no final do século XIX. Porém, uma etiqueta na capa de um diário da filha Eugénie, escrito num caderno da tipografia familiar, lista as premiações conseguidas até aquela data pelos produtos tipográficos: em exposições no Brasil (1861, 1866, 1873, 1881), em Londres (1862), Paris (1867), Viena (1873), Buenos Aires (1882), além de duas medalhas na Exposição Universal de Filadélfia para livros de escrituração, encadernação e tipografia (sem data). No campo da edição, Georg Leuzinger imprimiu livros de muitos autores, entre os quais os mais conhecidos são A. de Taunay, Joaquim Nabuco e o historiador Capistrano de Abreu. Produziu catálogos famosos para a Biblioteca Nacional, além dos chamados “impressos efêmeros” – livros, revistas e jornais ilustrados. Nos anos 1850 editou diversas folhas diárias, por vezes em alemão, redigidas por alguns revolucionários e socialistas que a Revolução de 1848 havia afugentado da Europa, as quais eram, ainda segundo Senna, “folhas que curta existência tiveram à falta de leitores e por estarem os seus redatores em constantes lutas”. “O Emigrante”, a última editada em 1853, era redigida em português e seu principal redator foi um certo Dr. Kieckback. Alguns destes refugiados trabalharam para Georg Leuzinger.

Em 1873, quase um quarto de século após seu início nos negócios, tornou os filhos seus associados, procurando encarregá-los de diferentes seções. O mais velho, Henri, foi, até sua morte, o grande esteio do

4 Essa foto foi exibida em São Paulo, no ano 2000, na Exposição dos 500 anos do Descobrimento, no Parque Ibirapuera.

pai e da Casa. Victor morreu jovem, quatro anos depois, aos 28 anos, em Paris (em uma das viagens de negócios das quais tanto reclamava em suas cartas); o penúltimo dos filhos, também Georg, tomou seu lugar. Edmond, que se casara numa rica família brasileira, após três anos foi trabalhar com o sogro. Jules, o caçula, foi a Nova York para tentar abrir um negócio para o grupo, mas não teve êxito e morreu logo depois. Paul foi o último a permanecer na firma, tendo-a vendido no início da década de 1920. Franz Keller parece ter sido o único genro a ter realmente trabalhado com a família, no ateliê fotográfico. Georg Leuzinger era, segundo Senna, um grande amigo de seus empregados, incapaz de exercer sobre eles qualquer ato de rigor, esquecendo-se até de abusos que sofrera e que o tinham prejudicado “pecuniariamente”. Em 1885, foi formada uma sociedade beneficente para os empregados; em 1892 alguns contratados de muitos anos adquiriram interesses nos negócios.

Ernesto Senna coloca Georg Leuzinger como tendo amado muito o Brasil. Ele realmente aqui se enraizou, não tendo voltado a morar no Velho Mundo após se enriquecer, como muitos; e por sua história familiar percebe-se que ele se adaptou muito bem, apesar do estranhamento mencionado em sua carta acima reproduzida. Aos sessenta anos, Georg Leuzinger empreendeu sua única viagem de volta à sua terra natal, quando seus pais estavam mortos e seu irmão não mais lá vivia e da qual nos deixou, em carta, um relato emocionado. Vinte anos depois, logo após festejar suas Bodas de Ouro, “bastante robusto e em pleno gozo de suas faculdades”, depois de breve enfermidade, Georg Leuzinger faleceu, cinco dias antes de completar oitenta anos.

Morto Georg Leuzinger, seu filho Henri, junto com Paul e a viúva-mãe como comanditária da sociedade, manteve-se, como já fazia antes, à frente dos negócios. Em 1898, morre a viúva Eleonore e, em 1906, Henri. Na verdade, a firma que, em 1940, festejou seu centenário como Casa Leuzinger, nada mais tinha a ver com a família, nem com aquela grande e próspera firma fundada e dirigida com grande criatividade e sensibilidade por Georg Leuzinger no século XIX.

2. A organização familiar e os padrões de comportamento no clã Leuzinger

A imagem de uma figura bondosa e sensível, mostrada nos negócios, conforme aponta Senna (1908), se confirma pelas cartas. Mas Georg Leuzinger foi um pai muito rígido, como era de se esperar na época. Muito cuidadoso na educação dos filhos, preocupava-se com os laços afetivos que os filhos entretinham entre si quando crianças; depois, quando com ele trabalhavam, orientava sua inserção e comportamento nos negócios. Cuidava também do relacionamento dos filhos com a mãe, a quem elogiava muito. Um exemplo é a forma de orientar seu filho Paul, desanimado porque, já longe da casa paterna há tempos, ia mudar mais uma vez de domicílio europeu:

O que irá portanto mudar [?] seus hábitos [?] Oh [...] sim, eis o que te aflige mais, mas meu filho [...], para se tornar um homem, é preciso que nossa cabeça e nosso coração passem muitas vezes por uma crise. Infelizmente, sem crise não renascemos e a crise nos faz mais prudentes e melhor para as provações.

As intensas relações de afeto entre membros do clã evidenciam-se em cartas, presentes, deslocamentos para visitas e férias que procuravam aproximar uma família dispersa. Foi o décimo filho Paul (nove anos se educando na Europa) o grande responsável pela maioria das fontes sobre a vida do clã Georg Leuzinger. Paul reuniu mais de 100 cartas que nos permitem entrar na intimidade de Georg Leuzinger, sua mulher, seus filhos, noras, genros, netos, sobrinhos e agregados e que nos fazem perceber que, apesar de espalhados por vários países, havia uma grande união familiar. Essas cartas são uma explosão de sentimentos – expressões de saudades, encorajamentos, votos de felicitações por aniversários, finais de ano, nascimento, casamento, aniversário, lamentações por doenças, mortes, descrições de festas, recomendações de aceitação da “vontade de Deus”, de condutas éticas, etc. Anunciam também o envio de presentes, de objetos e /ou dinheiro que, como as cartas, cruzavam o Atlântico nos dois sentidos. Dessa correspondência resulta, de forma impressionista, a constatação de um afeto enorme entre duas e depois três gerações de Leuzinger. Se o constante vai e vem dos dois lados do Atlântico –de cartas, pessoas, máquinas, produtos– pode nos dar a impressão de que, ao contrário do que se poderia esperar, a distância então não significava muito, a tristeza, o trauma e

a sensação de violência por vezes sentida pela separação apontada por Georg Leuzinger como “necessária” entre pais, filhos e irmãos é pungente em algumas cartas e dá a verdadeira dimensão do que era a vastidão do Atlântico naqueles tempos.

Paul também é responsável pela outra fonte fundamental já citada, o registro familiar que ele redigiu durante anos (em parte ajudado por sua mulher, a partir de apontamentos de Georg Leuzinger e Eleonore). Em álbuns da Tipografia Leuzinger existem duas versões manuscritas, uma feita até 1905, e uma a partir dessa data, cópia melhorada da primeira. Trazem anotações sobre as origens do casal e, a partir de dados dos dois, os fatos importantes da vida de cada um deles, de cada filho e da nova família que cada filho veio a constituir. Alguns dados são completados mesmo depois da morte de Paul, de forma bem resumida. Encontramos notícias dos nascimentos e batismos. Pode-se acompanhar de forma clara os casamentos, nascimentos, doenças e mortes, assim como as viagens e as estadias, visitas dos filhos e filhas (mais ocasionalmente dos pais) para conhecer o local de origem da família na Suíça, para visitar os parentes Du Authier e Geslin na França. Como os filhos solteiros passaram anos no Velho Mundo em busca de educação e/ou formação profissional (estudo em escolas técnicas e estágios em lojas de comércio), as irmãs casadas e seus maridos que moravam na Europa deles se ocupavam, visitando-os, enviando correspondência e presentes, albergando-os para estadias e férias, etc. Mais tarde, quando começaram a trabalhar com o pai, os filhos – e em especial um deles, Victor, solteiro – partem em busca de novas técnicas, novas máquinas ou de pessoal qualificado.

O padrão de comportamento da prole parece ser semelhante por gênero. Os homens trabalharam na empresa familiar e casaram-se com brasileiras, o que fortalecia o entrosamento do clã familiar na sociedade local e concretizava a procura, provavelmente encorajada por Georg Leuzinger e sua mulher, de enraizar a família no país. As filhas seguiram o modelo materno: as quatro que se casaram (pois uma morreu aos 16 anos e duas outras ficaram solteiras) escolheram estrangeiros como o pai; três acabaram por morar na Alemanha (em Karlsruhe) e na França (em Paris, em Caen e no sul do país), perpetuando os laços do clã Leuzinger com o Velho Mundo. Aparentemente, todas estudaram e poderiam ter sido professoras, como por vezes fizeram, buscando saídas para sua difícil situação financeira, algumas mulheres

cultas, em especial as européias. O ensino privado (única forma então de ensino leigo) era realizado, em geral, nas próprias casas dos donos dos colégios. Algumas mulheres Leuzinger se inseriram na sociedade da Corte mantendo prestigiosos colégios privados de ensino leigo: a primeira foi a irmã de Eleonore Leuzinger, Baronesa ou Madame de Geslin, conhecida na corte do Rio de Janeiro pelo seu colégio, anunciado no Almanak Laemmert como um estabelecimento para educar “com esmero” as filhas das melhores famílias. Alguns anos depois, em 1865, entre dados de trinta e sete estabelecimentos de ensino feminino, há uma menção ao “Colégio de Madame Leuzinger”.⁵ Este situava-se na rua do Príncipe do Catete, 25; o registro indica que era uma escola de sessenta e seis alunas, somente para “instrução primária”.⁶ Ainda mais tarde, em 1880-1881, também na rua do Catete, Eugénie, a única filha casada no Rio, ficando viúva lançou-se no ensino profissional, fundando o Colégio Masset, seu sobrenome de casada.

Eugénie e a irmã mais velha Sabine são melhor conhecidas e constituem exemplos claros dos laços de afeto no interior da família, e da sua dispersão. Ambas nos legaram diários cobrindo algumas fases de suas vidas. O marido de Sabine foi um alemão de Mannheim, Franz Keller, engenheiro, cartógrafo desenhista, xilo-gravurista, pintor, que veio acompanhar o pai e o irmão para trabalhar nas primeiras estradas de ferro e em possíveis transportes fluviais. Esteve algumas vezes no Brasil e aqui se casou, em 1867, com a primogênita Sabine Christine, antes da viagem ao Amazonas, na qual ela acompanhou o marido. Durante as explorações realizadas, Franz Keller desenhou paisagens, animais, índios e outros aspectos encontrados; alguns dos seus desenhos foram comercializados pelo sogro e fazem parte, por exemplo, de uma série de imagens sobre a região do Amazonas. Sinal dos laços de afeto familiar é sobretudo a mudança do nome de Franz Keller: a partir de 1867, ele acrescentou o sobrenome Leuzinger e passou a se

5 *Relatório da Inspeção Geral da Instrução Primária e Secundária do Município da Corte*. O texto traz matrículas em cursos especiais somente em três matérias: desenho (3) piano ou harpa (20) e dança.

6 Em uma das cartas de Georg Leuzinger a um filho na Europa, lê-se que sua mulher estava ocupada com o colégio e não podia empreender viagem à Europa. Eleonore também descreve, em carta aos filhos ausentes, uma festa que era oferecida anualmente aos alunos.

chamar Franz Keller-Leuzinger; para alguns, ele teria sido o responsável pelo ateliê de fotografia da família.

O casal Eugénie e o marido francês Gustave Masset (descendente de um editor francês e ele mesmo comerciante de roupas) evidenciam a coesão familiar de outra forma: Gustave e Eugénie, como os pais desta, também se casaram na Igreja do Outeiro da Glória, também moraram na rua do Ouvidor em cima da loja de Masset, e lá tiveram os primeiros quatro filhos (a primeira neta de Georg Leuzinger foi a primogênita Masset), o que permitia, segundo carta de Eugénie, “ter o prazer de ver todos os dias papai e meus irmãos”. Depois, moraram por anos com o casal Georg Leuzinger, a quem deram a primeira neta; as cartas mencionam o prazer dos patriarcas de abrigarem em sua casa a família Masset. O genro Masset escreve à mãe, dizendo que os sogros não queriam que eles saíssem para morar na nova casa, recém-construída.

O diário de Eugénie⁷ nos permite um certo “mergulho em alma”, uma imagem de sua forma de se comportar. Esse diário pode ser pensado tanto como um sintoma, quanto como um remédio para sua situação de viuvez, em função da morte do cônjuge adorado (Borges 2002). O bom relacionamento do casal é confirmado também por cartas do marido na primeira metade dos anos 1870 à sua mãe Betsy Masset, então viúva do conhecido editor Victor Masset, dono da editora de música Le Menestrel, em Paris. Três dessas cartas atestam o bem sucedido romance dos dois, revivido depois no diário por Eugénie. Embora, segundo ele, o dinheiro não estivesse sobrando na vida do casal, afirma:

Ela é encantadora, minha mulherzinha, e nós nos entendemos perfeitamente bem. Fiz muito bem de não correr atrás de um dote que poderia ter tido com outras com as quais talvez não tivesse encontrado a felicidade que agora experimento.

Conta que viviam somente para os filhos “maravilhosos”, fala sobre seu amor por eles, seu cotidiano agradável, dizendo que a recepção do final do dia (descrita no diário tantos anos depois por sua mulher) é “a maior recompensa de suas fadigas”.⁸ Sabe-se de três viagens de

⁷ Caderno manuscrito pertencente à autora.

⁸ São todas em francês; a primeira data de 6/11/1870, a segunda, de 21/11/1871 e a terceira, de 13/11/1874.

Gustave Masset para a França, uma das quais acompanhado da mulher e de sua primogênita.

A primeira característica de Eugénie que se percebe por seus escritos é a de uma mulher apaixonadíssima. Sua paixão é patente pela forma com que descreve os detalhes da sua vida com o marido. Talvez não difira aí do romantismo de muitas jovens de sua época, entendendo-se aqui o termo no senso-comum mais moderno do século XX. O temperamento apaixonado se evidencia também quando ela se confessa por mais de uma vez ciumenta, seja dos amigos de infância de Gustave (que, segundo ela, os defendia com eloquência e paixão), seja da família dele, à qual não se refere nem uma vez. Ela era uma mulher extremamente religiosa; no diário, seu amor por Deus e pelo marido morto parecem se mesclar.⁹

O sexo parece ser um componente importante da paixão de Eugénie; está subjacente em várias partes, pouco explicitado ou censurado (talvez temendo possíveis leitores). Sua forma de eliminar o relato que fizera sobre a consumação da noite de núpcias cortando duas páginas do caderno, é reveladora, assim como o relato da concepção de seu caçula, que descreve delicadamente através da metáfora de um beijo.¹⁰ O diário indica que ela viveu sem muitas tensões a dicotomia entre a alma e o corpo (antiga discussão na filosofia e na religião), que atormentou por muitos tempos as católicas praticantes. Quando menciona algo sobre seu amor ser “louco” talvez seja ao sexo que esteja se referindo, por vezes em contraste com o amor “puro” (que seria o sentimento romântico). Em muitos casos, ficou documentado que, como afirma Peter Gay, “O amor era fundamental e indispensável para essas mulheres, constituindo o fundamento, a coroação e a razão de ser da sexualidade” (Gay 1988: 109).

Eugénie parece ter vivido bem o papel de esposa/amante pela sua enorme paixão por Gustave Masset, numa feliz combinação de sexualidade e afeto.

9 Nos conventos femininos, aliás, as religiosas são consideradas as “esposas do Senhor” ou “esposas de Cristo”.

10 Ela escreveu: “Essa criança, nascida depois de uma noite de baile e de loucura, e que brotou entre nossos lábios no momento em que os últimos véus da noite lutavam contra os primeiros raios do dia!”. Peter Gay menciona casos semelhantes, dizendo que “Por razões bastante óbvias, as relações sexuais, sendo experiências das mais íntimas e das mais importantes, também são as mais esparsamente documentadas” (Gay 1988: 61).

O amor aos filhos, aos quais dedicou seu tempo e todos seus esforços, tem uma presença muitíssimo menor no diário do que a paixão pelo marido. Chama os filhos de “as sete provas de seu amor por mim”, “nossa própria carne”; chama-os também de seus “anjos da guarda”. Diz querer criar o coração e espírito dos filhos à imagem do pai. Pede a Deus saúde, tempo e coragem para educá-los, pois tem uma “carga dupla para com os filhos, que não mais têm um pai, e para com as crianças que me são confiadas”. Assim, engloba sua missão de mãe e educadora numa tarefa única, sendo um exemplo da “mãe-professora se transformando na professora-mãe”, nessa passagem de uma esfera para outra da vida social (Fraisie/Perrot 1991: 15-16).

A outra característica marcante da imagem que ressalta do diário é de uma mulher cujo papel social se cindiu com a doença e perda do marido, “senhor e mestre”, como ela o qualifica em um trecho. Muitas passagens levaram-me a vê-la como que dividida entre os dois tipos de mulher que foi: a mulher tradicional, que viveu como esposa-mãe e dona de casa por 13 anos, papel que lhe dava o maior prazer, e a função na vida pública e profissional, que depois foi obrigada pelas circunstâncias a desenvolver. Ela deixou uma imagem de grande felicidade no exercício de seu primeiro papel. Eugénie se mostra tradicional e romântica em uma carta para a irmã Matilde na França que, ficando viúva, casou-se de novo, escrevendo que “é tão bom ser amada e protegida por um ser mais forte”. Para o novo cunhado, manda um recado:

Diga lhe de minha parte que é muito bom ter uma mulherzinha submissa e sempre alegre, mas também é bom ter um marido louco pela mulher, que seja criança de vez em quando, embora firme e sempre afetuoso. Veja você, não há pessoa alguma no mundo, nem pai, nem mãe, nem irmão, nem irmã, nem amiga nem filho que possa substituir o amor entre dois esposos.

Afirma que uma mulher sozinha na vida sente-se “um zero e gostaria de se apoiar na proteção de um homem de honra e de coração”. Por outro lado, reclama de ter que ganhar a vida para os sete filhos. Conta que o marido não gostara do fato de ela ter que trabalhar e ela concorda com ele. Em capítulo intitulado “Minha vida pública, minha vida de trabalho” mostra sua dificuldade de sair da segurança da vida privada para o risco e a exposição da vida pública:

Assim que vi que meu nome estava exposto a todos os olhares [refere-se ao nome do Colégio Masset] em letras grandes, em uma placa suspensa acima de minha porta, enquanto que eu deveria enfrentar em minha casa a presença dos primeiros candidatos, homem ou mulher, jovem ou velho, rico ou pobre, delicado ou grosseiro, chegando a maior parte do tempo, sem nem se apresentar, para me falar de uma criança para colocar no pensionato, isso me perturbava e durante muitas semanas, muitos meses fui acometida por uma febre dolorosa, não porque eu tivesse vergonha de meu trabalho, mas porque eu sofria por ter que me fazer conhecer, por não viver unicamente em e para minha família. Depois que a visita ia embora, eu tomava angustiada minha cabeça entre as mãos dizendo: Meu Deus, dá-me coragem e se eu tivesse ganho um aluno, acrescentava: Obrigada meu Deus por teres abençoado meu trabalho [...] O primeiro dinheiro que colocaram em minha mão para pagar o primeiro trimestre de minha primeira aluna, fez minhas lágrimas escorrerem... Depois, habituei-me pouco a pouco a assinar os recibos sem tremer, a estender a mão para receber o dinheiro leal e penosamente ganho –parece que é uma esmola que lhe fazem mas é preciso algumas vezes lutar demais para recebê-la– que diferença do dinheiro dado por uma mão amiga.

Outra mulher da família é mais um exemplo dos laços dos descendentes Leuzinger nos dois lados do Atlântico. A quinta filha de Eugénie e Gustave Masset, Gabrielle Louise, teve uma vida realmente aventureira, destacando-se, na primeira metade do século XX, nos cenários nacionais e internacionais. Depois dos sobressaltos financeiros na infância, bonita, educada, culta e falando várias línguas, casou-se com um alemão, Georg Brune, ligado à Casa Oscar Phillipi (Rio de Janeiro/Manchester) e grande capitalista; bem mais velho que ela, ele morreu em 1912, deixando-a uma viúva multi-milionária, com bens espalhados pelo Velho e Novo Mundo. Ela casou-se novamente com outro alemão, bem mais jovem e sem fortuna, funcionário do *Brasilianische Bank für Deutschland* [que participara da moratória do governo brasileiro do Governo Campos Salles e onde estava parte da fortuna de Gabrielle]. Este tentou matá-la e esse episódio a marcou como famosa, tornando-a inspiradora de um personagem de romance *As razões do coração*, de Afrânio Peixoto. A Primeira Guerra complicou a posse de bens herdados do alemão, embargados pelas potências aliadas; acabada a guerra, esse fato gerou um sem fim de viagens internacionais e processos feitos por Gabrielle, tentando recuperar parte de sua imensa fortuna na Inglaterra, França, Alemanha, Estados Unidos, Canadá e Argentina. Para reaver seus bens, ela buscava contatos diretos com embaixadores, primeiros-ministros e até com o Kaiser alemão. Em 1924, em Paris, ao querer ser recebida por Édouard Hériot, então

Presidente do conselho de ministros, envolveu-se num incidente com a polícia parisiense, sendo repatriada pelo Cônsul brasileiro. Seu irmão Gustave Masset, então na cidade junto com primos franceses, negou-se a ajudá-la. Por várias vezes, as famílias alemãs dos dois maridos tentaram embargar a herança da por duas vezes viúva, o que a envolveu em mais processos nacionais e internacionais.

Ao envelhecer, foi acusada de desequilibrada pela família e interditada; muito independente, fugiu do controle do tutor, escondendo-se em hotéis pelo estado do Rio e de São Paulo. Descoberta por repórteres, foi novamente objeto de muito estardalhaço na imprensa. Depois de sua morte, em 1940, não tendo deixado descendentes diretos, seus irmãos conseguiram revogar em segunda instância seu testamento –que deixava seus bens para pobres, doentes e prisioneiros–, pois ela foi julgada incapaz de testar por suas condições mentais. Os advogados e psiquiatras ligados ao processo foram figuras importantes no mundo carioca, como Luis Gonzaga do Nascimento Silva, Santiago Dantas, Américo Jacobina Lacombe. O volume do processo foi publicado pelo Supremo Tribunal em 1946.

Pode-se aventar, como conclusão, que mãe e filha, pessoas muito fortes foram, empurradas pelas circunstâncias, daquelas que ajudaram a transformar o tripé dos papéis que as mulheres desempenhavam como esposas-mães e donas de casa. Sem desejarem ser o que hoje chamaríamos de feministas foram, cada uma em sua própria experiência de vida, o que muitos chamam de “nova mulher”.

Bibliografia

- AA. VV. (2000): *Mostra do redescobrimento: O olhar distante. The Distant View*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo.
- Borges, Vavy Pacheco (2002): “Uma mulher e suas emoções”. Em: *Cadernos Pagu*, 19, pp. 113-143.
- Fernandes Junior, Rubens/Lago, Pedro Correa (2000): *O século XIX na fotografia brasileira: Coleção Pedro Correia do Lago*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Fraisse, Geneviève/Perrot, Michelle (1991): “Ordres et libertés”. Em: Duby, Georges/Perrot, Michelle (eds.): *Histoire des Femmes en Occident. Le XIX^e siècle*, Vol. 4. Paris: Plon, pp. 13-18.
- Fundação Bienal de São Paulo (ed.) (2000): *Mostra do redescobrimento*. Vol. 8: *O olhar distante*. São Paulo, pp. 248-251.

- Gardiner, Juliet (1993): *The New Woman: Women's Voices – 1880-1918*. London: Collins & Browns.
- Gay, Peter (1988): *A experiência burguesa da rainha Victória a Freud: A Educação dos Sentidos*. São Paulo: Cia. das Letras.
- Hallewell, Laurence (1985): *O livro no Brasil (sua história)*. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP.
- Kossoy, Boris (2002): *Dicionário Histórico-Fotográfico Brasileiro – fotógrafos e ofício da fotografia no Brasil (1833-1910)*. São Paulo: Instituto Moreira Salles.
- Sanson, M. Lucia D. de et al. (1998): *O Rio de Janeiro do fotógrafo Leuzinger: 1860-1870*. Rio de Janeiro: Sextante Artes.
- Santos, Renata (2003): *A imagem negociada: A Casa Leuzinger e a Edição de Imagem no Rio de Janeiro do século XIX*. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: IFCS, UFRJ.
- Senna Ernesto (1908): *O Velho commercio do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier Irmãos.
- Seyferth, Giralda (2000): “A imigração alemã no Rio de Janeiro”. Em: Gomes, Angela de Castro: *Histórias de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7 Letras.
- Vasquez, Pedro K. (2000): *Fotógrafos alemães no Brasil do século XIX*. São Paulo: Metalivros.